

## EUCLYDES DA CUNHA EM SALA DE AULA: UM DESAFIO RECOMPENSADOR

Fabiana Figueira Corrêa\*

O presente trabalho pretende apresentar vivências pedagógicas nas quais ocorre a exploração da obra euclidiana por um viés não literário, em diferentes turmas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, do Colégio Euclides da Cunha, localizado em Cantagalo, no estado do Rio de Janeiro. Para as séries do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, a apresentação da biografia do escritor Euclides da Cunha através de história infantil, acompanhada de atividades lúdicas e produção textual, apresenta o escritor ao público infantil e infanto-juvenil, possibilitando o estabelecimento de vínculos culturais. A leitura de fragmentos de textos do escritor Euclides da Cunha, possibilita aos alunos das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio vivências de diferentes práticas pedagógicas que reforçam a contemporaneidade e multidisciplinariedade da obra euclidiana. Além do relato das experiências vivenciadas no âmbito escolar, o presente trabalho sugere outras atividades que seguem a mesma linha pedagógica.

\* Professora de Biologia, Especialista em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável. Colégio Euclides da Cunha, Cantagalo – RJ

*Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer que se acha.*  
Paulo Freire

Promover a exploração pedagógica da vida e obra do escritor Euclides da Cunha, associando estes fatores ao reconhecimento de nossa própria história e valorização do espaço sociocultural que ocupamos, é um desafio que deve ser constantemente assumido pelos diferentes atores do processo pedagógico. Retomar a história de Euclides da Cunha, possibilitando o reconhecimento do Brasil através de sua ótica crítica, apresentada com riqueza literária, permite que alunos e professores apropriem-se do universo euclidiano. Esta não é das tarefas mais fáceis no campo da educação, mas exatamente por ter um caráter desafiador pode gerar resultados surpreendentes e recompensadores. Desta forma, com o presente trabalho, pretendemos apresentar algumas experiências pedagógicas que objetivam aproximar alunos das séries do Ensino Fundamental e Médio da obra euclidiana, não desconsiderando a biografia do próprio escritor. Vale ressaltar que estas experiências foram vivenciadas por professores e alunos do Colégio Euclides da Cunha, no município de Cantagalo no estado do Rio de Janeiro. Baseando-nos nas experiências vivenciadas, nos

permitimos sugerir outras possibilidades a serem exploradas pelos professores em sala de aula.

Não podemos deixar de considerar uns dos principais fatores que afastam os educadores de Euclides da Cunha e sua obra: a dificuldade em vencer os obstáculos de sua escrita culta, impregnada de saberes científicos em voga em seu tempo. Mas este é um obstáculo a ser vencido pelo próprio curso natural do ofício de ser professor – educador. Independente da disciplina lecionada, todo professor é “professor de texto”, pois a palavra escrita, lida e compreendida é instrumento e ao mesmo tempo objetivo inerentes ao ato de ensinar e aprender. Reforçamos esta afirmação com um trecho da “Carta de Paulo Freire aos professores”, que aborda exatamente este aspecto do ofício de educar:

A compreensão do que se está lendo, estudando, não estala assim, de repente, como se fosse um milagre. A compreensão é trabalhada, é forjada, por quem lê, por quem estuda que, sendo sujeito dela, se deve instrumentar para melhor fazê-la. Por isso mesmo, *ler, estudar*, é um trabalho paciente, desafiador, persistente.

Não é tarefa para gente demasiado apressada ou pouco humilde que, em lugar de assumir suas deficiências, as transfere para o autor ou autora do livro, considerado como impossível de ser estudado. (FREIRE, P., 2001, p.265)

Interiorizando a mensagem de Paulo Freire, podemos admitir que a dedicação paciente ao ofício da leitura nos permite vencer os obstáculos da linguagem que a um primeiro contato nos parece difícil. Nos meios escolares, e ousamos considerar que também entre aqueles que ditam as diretrizes dos currículos escolares, ouvimos, com frequência, que Euclides da Cunha é inalcançável pelos alunos do Ensino Fundamental e Médio, por isso é melhor afastá-lo dos planejamentos pedagógicos. Mas para educadores pacientes e persistentes, que não fogem ao desafio, é reservada a gratificação do aluno que se encanta com a obra euclidiana. Depois de superada a fase de apropriação pessoal dos escritos euclidianos, podemos usufruir da partilha de seus saberes com os alunos. Considerando que a linguagem culta utilizada por Euclides da Cunha se coloca como uma dificuldade ao próprio saber do professor, não podemos deixar de admitir que esta dificuldade pode ser maior ainda para o aluno. Sendo assim devemos buscar práticas pedagógicas que facilitem ao aluno a apropriação do universo euclidiano. Reportando-nos novamente a Paulo Freire, devemos considerar que “ninguém que lê, que estuda, tem o direito de abandonar a leitura de um texto como difícil porque não entendeu o que significa, por exemplo, da palavra epistemologia”(Freire, P., 2001, p. 265). Para que a leitura não seja interrompida aos primeiros obstáculos da linguagem caprichosa, há que se

recorrer ao instrumento de ofício dos leitores: o dicionário. Vencendo os obstáculos da leitura, é possível trilhar caminhos ricos em conhecimento com os alunos.

Considerando a apresentação do universo euclidiano aos alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, devemos optar por diferentes estratégias e recursos pedagógicos que possibilitem uma abordagem ao alcance dos alunos em questão, sem incorrer no risco do empobrecimento do material apresentado. Sendo assim, acreditamos que podemos recusar alguns atalhos facilitadores, como textos de adaptação livre, que poderiam desfigurar a riqueza da linguagem apresentada por Euclides da Cunha. Assumimos assim dois desafios simultaneamente: vencer a linguagem elaborada sem empobrecer a complexidade do texto original. Como uma alternativa frente a este desafio, podemos considerar o trabalho com fragmentos não muito extensos do texto original do escritor. O trabalho com fragmentos de texto pode atender à diferentes disciplinas, como Geografia, História, Biologia e Ciências, e não apenas às tradicionalmente encarregadas desta tarefa, como Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. O trabalho com fragmentos de textos permite um contato com a obra do autor de forma mais aproximada das possibilidades de assimilação próprias às diferentes faixas etárias a serem trabalhadas.

No presente trabalho, apresentamos algumas experiências pedagógicas vivenciadas em sala de aula em diferentes segmentos, com maior enfoque nas disciplinas de Ciências e Biologia. A primeira experiência a ser apresentada baseia-se na apresentação da biografia do escritor a partir do livro infanto-juvenil *Era uma vez, Euclides...*, de Fabiana Figueira Corrêa, seguida de produção textual e de atividade lúdica com a utilização de um jogo de memória que pode ser adaptado pelo professor de acordo com a faixa etária dos alunos (podendo valorizar mais o texto ou a imagem, dependendo do domínio da mesma que o grupo apresenta). Este trabalho é apropriado a alunos do 4º, 5º e 6º ano do Ensino Fundamental, mas com algumas adaptações podemos expandir a possibilidade de séries a serem trabalhadas. Em um primeiro momento, trabalhamos com o aluno com a biografia do escritor que foi contada como uma história, utilizando como recurso as ilustrações do livro supracitado. Devemos considerar que para muitos alunos este é o primeiro contato com o escritor, sendo assim o professor que conta a história deve imbuir-se da tarefa de encantar com o contar. Como afirma Aroeira, “contar histórias é uma experiência de grande significado, para quem conta e para quem ouve” (Aroeira, M., 1996, p.36). A etapa posterior da proposta envolveu atividades de produção textual que podem ser direcionadas nas formas de elaboração de acrósticos com palavras chaves da história contada, carta endereçada ao escritor Euclides da Cunha, criação

de legenda para as ilustrações utilizadas para contar a história, ou mesmo a ilustração de pequenos fragmentos da história. Ao final, a produção dos alunos pode ser apresentada à comunidade escolar através de um mural ou de forma a compor um livro da turma encerrando a atividade.

Para alunos das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, considerando que estes já possuem alguma referência biográfica do escritor Euclides da Cunha, o trabalho com fragmentos de seus textos apresenta-se de forma mais apropriada. No presente artigo optamos por relatar experiências vivenciadas em aulas de Ciências e de Biologia, disciplinas nas quais, normalmente, a práxis pedagógica conduz mais a textos científicos do que aos textos literários.

Em uma das experiências vivenciadas, o produto final elaborado pelos alunos foi apresentado sob a forma de um diário de viagem, intitulado “Diário de Viagem pelos Verdes Caminhos de Euclides da Cunha”. Para chegar à elaboração do diário, os alunos foram desafiados com a leitura de fragmentos de textos do escritor Euclides da Cunha, que permitem uma abordagem de conotação ambiental, extraídos de “À Margem da História”, “Contrastes e Confrontos” e “Os Sertões”. A opção por fragmentos de texto desta natureza permite aos alunos a percepção de que a obra euclidiana possibilita diferentes abordagens, possibilitando trabalhos multidisciplinares. Vencendo o desafio da leitura, realizada em pelo menos dois momentos, um particular e outro compartilhado com o grupo em sala de aula, ao aluno foi apresentado mais um desafio: pesquisar em diferentes fontes jornalísticas matérias com as quais fosse possível estabelecer relações de correspondência com os fragmentos lidos. De forma a complementar o trabalho, os alunos ilustraram alguns trechos dos fragmentos trabalhados com imagens atuais, o que reforçou a percepção da atualidade e contemporaneidade da obra euclidiana. Alcançamos nesta atividade um trabalho multidisciplinar com os alunos, uma vez que trabalhamos a leitura, a produção textual, conteúdos próprios às ciências naturais e sociais, pois os temas de atualidade explorados pelos alunos recaem sobre aspectos não apenas ambientais, mas também socioambientais, o que também representa com uma característica marcante da obra de Euclides da Cunha: a multidisciplinariedade. Apoiamos esta certeza no fato de que o escritor apresenta em seus textos um intercâmbio multidisciplinar entre as ciências naturais e sociais, apresentando o conhecimento de forma integral, o que foi defendido por Souza: “além do consórcio da ciência e da arte que emoldura os quadros da natureza e a descrição física do mundo, nosso autor assimila a teoria holística que preside à gênese e ao desenvolvimento da obra

humboldtiana” (Souza, R., 2009). Considerando estes aspectos, a proposta de elaboração de um diário de viagem, nos moldes dos diários de viagens dos naturalistas, promovendo a releitura de textos euclidianos a partir de sua intertextualidade com imagens e textos atuais, extraídos de mídia impressa e digital, nos permite reforçar a contemporaneidade dos mesmos, enquanto os alunos se apropriam do universo euclidiano, desmistificando a impossibilidade de transpor a barreira da linguagem culta e erudita apresentada pelo escritor.

Alunos, de forma geral, gostam de novidades e o professor precisa trabalhar constantemente com o desafio de inovar as suas práticas de modo a atrair e conquistar os alunos para a dedicação à tarefa de estudar. Neste sentido, propusemos a elaboração de um *scrapbook*, de conotação botânica e ecológica, no qual reuniram imagens e textos baseados na leitura do segmento Guerra das Caatingas, extraído da obra máxima de Euclides da Cunha, “Os Sertões”. Após a leitura compartilhada do texto, os alunos destacaram os nomes de espécies vegetais e animais que são apresentados no mesmo e realizaram uma pesquisa de identificação científica e caracterização dos mesmos. Para cada espécie, os alunos elaboraram uma ficha de identificação, segundo os critérios e normas de classificação científica, complementada com informações pertinentes às características biológicas e interações ecológicas das espécies envolvidas. O *scrapbook* foi construído coletivamente, reunindo as fichas de identificação, pequenos trechos extraídos do texto original e ilustrações com fotos ou recortes de imagens de diferentes mídias. Finalizando, os alunos decoraram o *scrapbook* com retalhos de tecido, como chita, e corda de sisal, como uma referência artística à cultura nordestina. Mais uma vez, a partir de uma atividade com objetivo que atende claramente a determinado conteúdo de Biologia (classificação biológica), foi possível trabalhar literatura, produção textual e artística.

Durante a leitura compartilhada do fragmento “Guerra das Caatingas” e elaboração do *scrapbook*, o professor deve estimular a reflexão do aluno, com a finalidade de discutir o desenvolvimento do pensamento ambiental euclidiano, analisando alguns aspectos abordados por ele em seu livro máximo. O professor pode, e deve, abrir aos alunos os caminhos para a exploração científica da obra euclidiana. Euclides da Cunha abre *Os Sertões* com uma rica descrição das características físicas, geográficas e biológicas da terra brasileira, especificamente do sertão nordestino. Seu discurso entrelaça, de forma primorosa, os princípios científicos mais acertados em seu tempo com uma beleza poética própria a poucos autores que conseguem unificar, no mesmo texto, ciência e arte. Euclides apresenta a *Terra* como um organismo vivo, apresenta-nos sua gênese, suas transformações, suas características

dinâmicas, orgânicas, vivas. Em coerência com esta visão, o autor nomeia de forma própria a *Terra* com inicial maiúscula, reforçando sua condição de organismo onde a “terra se apresenta como sujeito dotado de força vital” (Souza, R. M., 2009, p. 23). Nosso autor antecipou-se assim, ainda no início do século XX, a uma corrente científica apresentada apenas na segunda metade do mesmo século, em 1969, pelo cientista inglês James Lovelock: sua identificação da Terra como organismo vivo está em perfeito acordo com a hipótese de Gaia (em homenagem a deusa que representa a Terra na mitologia Grega), defendida por este cientista. Segundo a hipótese de Gaia, todos os seres vivos estão ligados entre si e com o ambiente físico, considerando a Terra como um organismo vivo, sendo a própria vida na Terra a criar as condições para sua sobrevivência.

As formas pelas quais Euclides da Cunha apresentou a Terra em “Os Sertões” são diversificadas, em alguns momentos evidenciando as características físicas, considerando que “as forças que trabalham a terra atacam-se na contextura íntima e na superfície, sem intervalos na ação demolidora, substituindo-se com intercadência interminável, nas duas estações únicas da região”(Cunha, E., 1979, p. 28). Em outros momentos o autor valorizou as características biológicas, retratando com fidelidade científica o bioma caatinga, com “árvores sem folha, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante”(p. 29). Como a trama de galhos, ramos e espinhos, nas quais enredam-se a flora da caatinga, Euclides da Cunha trançou palavras levando-nos também a um mergulho neste ambiente agreste através de sensações experimentadas pelo homem que não pertence a este ambiente, ao qual “a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar, agride-o, estonteia-o, enlaça-o na trama espinescente e não o atrai, repulsa-o com as folhas urticantes, com os espinhos, com os gravetos estalados em lanças” (p.29). Euclides da Cunha apresentou-nos uma caatinga viva, que participa ativamente da luta.

Percebemos que mesmo quando Euclides da Cunha remeteu-se diretamente ao conflito que se desenrolou em Canudos, em “A Luta”, encontramos referências ao ambiente natural com um elemento vivo e atuante no próprio conflito. Podemos perceber essa colocação de forma bem clara quando o autor descreve *a guerra das caatingas*, onde caracteriza este bioma tipicamente brasileiro e integra o sertanejo ao mesmo, antecipando, então, a visão defendida pela ecologia nos dias atuais, em que o homem é parte integrante do meio em que vive e que, portanto, sua sobrevivência depende das relações equilibradas estabelecidas com ele. Quando Euclides da Cunha retrata em seu texto a relação dos soldados

com a caatinga demonstra a estranheza entre ambos. O soldado é o *elemento estranho* e despreparado ao ambiente que não o acolhe, como percebemos no trecho a seguir:

“Circuitam-nos, estonteadamente, os soldados. Espalham-se, correm, à toa, num labirinto de galhos. Caem, presos pelos laços corredios dos quipás reptantes; ou estacam, pernas imobilizadas por fortísimos tentáculos. Debatem-se desesperadamente até deixarem em pedaços as fardas, entre as garras felinas de acúleos recurvos das macambiras.” (Cunha, E., 1979, p.164)

No entanto, quando o autor refere-se às relações estabelecidas entre o sertanejo e a caatinga, reforça os laços da relação intrinsecamente equilibrada que lhes permitem a coexistência homeostática, onde a “flora agressiva abre ao sertanejo um seio carinhoso e amigo” (Cunha, E., 1979, p.165), já que flora e sertanejo cercam-se de “relações antigas. Todas aquela árvores são para ele velhas companheiras. Conhece-a todas. Nasceram juntos; cresceram irmamente; cresceram através das mesmas dificuldades, lutando com as mesmas agruras, sócios dos mesmos dias remansados” (Cunha, E., 1979, p. 165 - 166). Baseando-se nestas considerações, o professor pode explorar com os alunos a contemporaneidade das reflexões, descrições e constatações apresentadas por Euclides da Cunha, relacionando-as com leitura atual do mundo, pelo prisma da ótica ambiental atual que contextualiza o homem no ambiente natural.

Considerando que Euclides da Cunha tem um papel de destaque entre os intelectuais da Primeira República por sua obra composta por artigos, relatórios, prosa literária e poesia, através dos quais expressava opiniões e defendia teses que versam sobre política (interna e externa), etnopolítica (com as polêmicas ideias sobre os tipos étnicos que formavam a população brasileira) e ecopolítica, podemos compreender a amplitude de possibilidades de atividades que podem ser desenvolvidas dentro deste universo. Independente da atividade desenvolvida, cabe ao professor apresentar aos alunos um Euclides da Cunha que se destacou de outros intelectuais de seu tempo, sendo “rigorosamente o primeiro intelectual brasileiro a cultivar e externar preocupações com o meio ambiente, inclusive fazendo da ecologia um tema político, de propostas de ações políticas” (Rosso, M., 2009, p. 37).” No que diz respeito à proposição de questões políticas, consideramos, ainda, que Euclides da Cunha apresentava uma habilidade inigualável, e mesmo inovadora dentro do contexto da intelectualidade brasileira de seu tempo, capaz de transitar por ambientes tão distintos e escrever sobre eles, com refinada crítica ambiental, baseada não apenas em sua observação, mas em análises apoiadas nas ideias e conceitos mais modernos dentro do panorama científico que ele prezava. Euclides da Cunha foi capaz de perceber a relação da sociedade com o ambiente natural com

olhos críticos e embasamento científico, estando em um passeio de bonde pela cidade do Rio de Janeiro, em um trem pelo interior de São Paulo ou em uma canoa no Rio Purus, no Acre.

Com bases nestas considerações, o professor pode optar por trabalhar com fragmentos que permitam a reflexão dentro do conteúdo de Ciências ou Biologia, trabalhado no momento. Considerando, por exemplo, que o conteúdo em curso refira-se à exploração do ambiente natural em função da apropriação desmedida de seus recursos pelo homem, o professor pode propor o seguinte fragmento, publicado no jornal dos alunos do Colégio Aquino no Rio de Janeiro, O Democrata, de 1884:

Ah! Tachem-me muito embora de antiprogressita e anticivilizador, mas clamarei sempre e sempre: - o progresso envelhece a natureza, cada linha do trem de ferro é uma ruga e longe não vem o tempo em que ela, sem seiva, minada, morrerá! E a humanidade, não será dos céus que há de partir o grande “Basta” (botem b grande) que ponha fim a essa comédia lacrimosa a que chamam vida; (...) não finir-se-á o mundo ao rolar da última lágrima e sim ao queimar-se o último pedaço de carvão de pedra.” (Cunha, E., in Rosso, M., 2009, p. 95 – 96)

Caso o conteúdo abordado pelo professor refira-se aos problemas urbanos, decorrentes do crescimento desordenado das cidades, há a possibilidade de apresentar uma expressão poética da crítica ambiental de Euclides da Cunha, apresentada no poema “Em Viagem”, onde escreve: “Me revolta vendo a cidade dominar a floresta, a sarjeta dominar a flor!” (in Rosso, M., 2009, p.86). Com estes versos o autor contextualiza a sua crítica ao meio urbano, diferenciando-se dos intelectuais do período de Colônia e Império, que apresentavam um enfoque essencialmente para o meio agrário. Com este posicionamento, Euclides da Cunha aproxima-se das preocupações ambientais discutidas em nosso século, cuja inquietação com as grandes cidades é um dos principais enfoques da crítica ambiental atual. Mais uma vez, considerando estes fragmentos propostos, os alunos podem elaborar painéis que os ilustrem com imagens atuais.

As possibilidades de atividades tendo como base o artigo “Fazedores de Desertos” (publicado em 1901, em O Estado de São Paulo) são recompensadoras. Euclides da Cunha dirigiu sua crítica ambiental ao próprio avanço da humanidade sobre o ambiente natural, explorando seus recursos e alterando seus ciclos e equilíbrio homeostáticos implícitos. Consideremos ainda a preocupação demonstrada por Euclides da Cunha em relação às mudanças climáticas que já eram observadas no interior paulista a bem mais de um século atrás, isso em uma época em que a mídia e a ciência ainda não falavam de tais mudanças, podemos admitir que o autor não se limita a este reconhecimento, pois também



aponta suas possíveis causas, imprimindo, em sua crítica, o alerta em relação à prevalência de valores econômicos em detrimento da preservação do patrimônio natural. Partindo destas considerações, o professor pode trabalhar o artigo de forma a propor questionamentos quanto às relações das ações humanas e o aquecimento global ou a perpetuação de práticas agrícolas que empobrecem o solo e comprometem a preservação da biodiversidade. Para que a atividade não se encerre no âmbito da discussão e do debate, aos alunos podem ser oferecidas diferentes atividades. Entre algumas já vivenciadas, apresentando resultados significativos no processo de aprendizagem do aluno, podemos considerar a produção de um vídeo, no qual os alunos trabalharam com música e imagens que trouxeram à atualidade fragmentos do texto original do escritor, ou ainda a construção de um painel onde alguns fragmentos foram transformados em legendas para imagens de práticas ambientalmente incorretas ou catástrofes ambientais.

Com o artigo “Viajando”, Euclides da Cunha apresenta outro aspecto da crítica ambiental que é, também, contemporânea ao nosso tempo: a indissociável ligação do homem com o ambiente natural no qual está inserido. O homem interfere, modifica, usufrui, altera e sofre simultaneamente as consequências desta interação dinâmica. Neste artigo, Euclides da Cunha analisa alguns aspectos relativos ao desgaste que o ambiente natural do Vale do Paraíba sofreu por interferência humana, demonstrando-nos uma relação direta entre causa e efeito. Este artigo pode ser trabalhado da mesma forma que o artigo “Fazedores de Deserto” apresentando a mesma linha de discussão, debate e reflexão, seguindo as mesmas propostas concretas de atividades.

Podemos admitir que a crítica ambiental de Euclides da Cunha desloca-se, como ele, pelos diferentes biomas brasileiros, o que nos leva a considerá-lo efetivamente como um permanente viajante em seu próprio país. Em tempos de Rio de Janeiro e São Paulo, o seu foco foi a Mata Atlântica; no sertão baiano, vivenciou e debulhou as ricas relações da caatinga e sua gente; na Amazônia, seu posicionamento não poderia ser diferente. Antes de penetrar neste território, que fascina desde sempre brasileiros e estrangeiros, Euclides da Cunha tratou de estudar tratados naturalistas e relatórios de viagens focados no ambiente amazônico. Antes de percorrer os caminhos amazônicos, os textos escritos por Euclides da Cunha baseavam-se em sua interpretação e conclusão dos estudos de trabalhos de naturalistas como Humboldt, Von Martius, Agassiz e Wallace, que entre outros, apresentavam a Amazônia sem o olhar brasileiro. Os artigos escritos por eles eram impregnados de ciência, predominando a visão do

mundo por vezes baseada no positivismo e no determinismo geográfico, alcançando até mesmo matizes de evolucionismo e do contestado darwinismo. Ou seja, Euclides da Cunha, antes de vivenciar propriamente a Amazônia, cercou-se de conhecimentos e valores científicos mais modernos em seu tempo e foi a partir desta visão científica pré-concebida que ele passou a explorar o ambiente em questão, acabando por reestruturar sua concepção pautada na visão essencial do brasileiro, que sempre fez questão de valorizar.

Nos textos amazônicos podemos perceber a Amazônia através do olhar crítico de Euclides da Cunha, ampliando nossa percepção de Brasil, sua grandiosidade geográfica, social e ambiental, o que pode nos auxiliar na consolidação do sentimento de pertencimento a uma mesma nação. Euclides da Cunha descreveu um ambiente desconhecido da maioria dos brasileiros contemporâneos seus não como se fosse um viajante naturalista estrangeiro, mas sim como um brasileiro que descobre seu próprio território, seu próprio país. Em “A Margem da História” somos convidados pelo autor a descortinar este ambiente desconhecido ao homem que vive mais ao sul, imaginando que “a flora ostenta a mesma imperfeita grandeza”(Cunha, E., 2009, p. 2), e ao seguir pela “mata vai com a vista embotada no verde negro das folhas; e ao deparar, de instante em instante, os fetos arborescentes emparelhando em altura com as palmeiras, e as árvores de troncos retilíneos e paupérrimos de flores” (p.2). Explorando alguns destes textos, o professor pode, não apenas considerar aspectos da fauna e flora amazônicas, mas também a sua ocupação e exploração pelo homem. Apresentar e discutir a percepção euclidiana do Brasil conduz os alunos a um caminho de valorização do nosso país.

Com base nos textos amazônicos, uma das atividades desenvolvidas com alunos de Ensino Médio consistiu em reconhecer parte do percurso traçado pela expedição de Euclides da Cunha com a visão da atualidade, com o objetivo de identificar traços de semelhanças e diferenças entre a paisagem natural e humana apresentada pelo escritor e os dias de hoje. Através desta viagem de conhecimento, os alunos elaboraram um trabalho em mídia áudio visual que foi apresentado à comunidade escolar. Outro trabalho elaborado a partir do mesmo eixo levou os alunos, também do Ensino Médio, a discutirem as questões sociais e políticas que envolvem a história da exploração da borracha na Amazônia Brasileira, o que resultou, também, em um trabalho em mídia áudio visual apresentado à comunidade escolar. Mais uma vez, com as atividades realizadas, foi possível reforçar com os alunos a multidisciplinariedade e contemporaneidade da obra euclidiana.

Não podemos deixar de considerar a comparação possível entre a grandiosidade do autor refletindo na própria grandiosidade do país. O desafio de desvendar um país de dimensões continentais, com disparidades cortantes, diversidades volumosas e distâncias preenchidas por desertos, só pode ser vencido por um escritor de visão amplificada, de espírito sem amarras e com uma coragem desmedida. Os escritos amazônicos afloram de um talento inigualável, capaz de atribuir à realidade – muitas vezes opressora - palavras impregnadas de brasilidade e de cores libertadoras pela crítica precisa e fiel. Sendo assim, por um viés não literário alcançamos a mensagem euclidiana de nacionalidade, de importância da percepção e compreensão da complexidade de relações entre o homem e o ambiente natural, para que seja mantido um sistema de equilíbrio de forças e valores. E esta mensagem deixada por Euclides da Cunha, há mais de um século, é de uma contemporaneidade assustadora, que se coloca à frente até mesmo de vivências e reflexões mais ousadas em relação à temática socioambiental. Não podemos deixar de considerar que o cerne da crítica ambiental euclidiana encontra-se o homem. A relação do homem com o ambiente natural se expressa, por vezes, de forma antagônica, pois ao mesmo tempo que o homem é colocado como o agente nefasto que devasta a floresta para alimentar as máquinas à vapor, o homem também sucumbe à força determinista do ambiente natural. Com esta visão de ciência determinista, Euclides da Cunha admite que “a volubilidade do rio contagia o homem”, já que no “diante o homem errante, a natureza é estável; e aos olhos do homem sedentário, que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quase afugentando-o e espavorindo-o” (Cunha, E., 2009, p.7). Considerando o determinismo, o professor pode discutir suas implicações sob a ótica da visão científica atual, evidenciando a dinâmica da ciência, em constante mutação a medida que o homem avança em novas descobertas e estabelece novos conceitos.

Retornando à exploração pedagógica dos escritos amazônicos de Euclides da Cunha, devemos considerar que estes nos permitem uma análise ampla, e ainda não totalmente explorada, por diferentes olhares, pois possibilitam transitar da cartografia à biologia, da hidrografia à antropologia, da política internacional à imperiosa necessidade de construção de uma identidade nacional. Impossível, em pouco tempo de aula, o aprofundamento em cada um destes olhares. Mas não podemos encerrar as considerações sobre possibilidade do emprego de textos do ciclo amazônico sem mencionar as referências comparativas estabelecidas por Euclides da Cunha em relação aos caucheiros e seringueiros e suas respectivas relações com a floresta. Os primeiros, de nacionalidade preferencialmente

peruana, exploradores do caucho, uma árvore da qual se extrai a borracha a partir de sua derrubada (*Castilloa brasiliensis*). Para ele “o caucheiro, eterno caçador de territórios, não tem pega sobre a terra” (Cunha, E. 2009, p. 25), sendo, pois, um “caçador de árvores” (p. 25), ao que podemos deduzir que entre caucheiros e o caucho a relação é claramente predatória e destrutiva. Os segundos, brasileiros isolados em sua própria nação, explorados pelos “barões da borracha”, que drenavam o látex do qual se produzia a rica borracha, sem matar a seringueira (*Hevea brasiliensis*) e estabelecendo uma relação onde sua sobrevivência dependia da existência e perpetuação desta árvore. Em todos os textos, sejam eles de conotação política, de crítica ambiental ou de pura beleza literária, como “Judas Ahsverus”, o que Euclides da Cunha explicita é a relação cooperativa, ousamos dizer protooperativa, entre o seringueiro e a seringueira, o que na visão atual das discussões e teoria ecológica mais atuais reconhecemos como desenvolvimento sustentável. Ao comparar a atuação frente aos recursos naturais amazônicos destes dois tipos humanos que habitavam a Amazônia por ele vivenciada, Euclides da Cunha abre-nos a possibilidade de discutirmos os confrontos entre a exploração predatória e sustentável de seus recursos naturais.

É certo que, com o pouco tempo de trabalho em sala de aula, independente da disciplina trabalhada, não serão formados especialistas em Euclides da Cunha entre alunos do Ensino Fundamental ou Ensino Médio, mas acredita-se que assim seja possível plantar sementes de paixão, admiração e orgulho por esse escritor brasileiro, cuja identidade cultural com nossa língua e história deve ser cultivada. Trabalhar diretamente com os textos euclidianos, vencer o desafio de sua leitura e poder compartilhar sua compreensão com outros leitores, aproxima-nos do universo euclidiano, permitindo constatar a contemporaneidade de seus textos, vencendo a barreira da linguagem ricamente empregada pelo escritor e estreitando realidades distanciadas não apenas geograficamente, mas também por mais de um século. Além disso, trazer a obra euclidiana para as aulas, particularmente as de Biologia e Ciências, como apresentado neste trabalho, a partir de uma abordagem ambiental, reforça o caráter intertextual de seus textos e permite a prática de atividades interdisciplinares e de transversalidade, tão apregoadas nos meios pedagógicos.

Para os alunos que vivenciaram as experiências pedagógicas apresentadas no presente trabalho, o contato direto com os textos euclidianos, vencendo o desafio de sua leitura e podendo compartilhar sua compreensão com os colegas, aproximou-os do universo euclidiano, permitindo-os constatar a contemporaneidade de seus textos, vencendo a barreira da linguagem ricamente empregada pelo escritor e estreitando realidades distanciadas não

apenas geograficamente, mas também por mais de um século. Perceber o ambiente natural brasileiro, e sua gente, através do olhar crítico de Euclides da Cunha permitiu aos alunos e professores envolvidos percorrerem os verdes caminhos desse escritor, aumentando a percepção de Brasil, a sua grandiosidade geográfica, social e ambiental, ajudando na consolidação do sentimento de pertencimento de uma mesma nação.

Para encerrar, resta-nos, então, uma reflexão que deve ser, ao nosso entendimento, constantemente reforçada e compartilhada com a comunidade escolar: estava Euclides da Cunha muito à frente de seu tempo ou estamos nós muito atrasados e descompromissados com o nosso próprio tempo? Vivendo em tempos atuais, com todos os aparatos tecnológicos disponíveis e toda facilidade de circulação de informação e ideias ao nosso alcance, qual deve ser nosso posicionamento frente às questões colocadas por Euclides da Cunha? Qual deve ser a nossa atuação frente às questões socioambientais que nos são colocadas de forma urgente? Acreditamos que podemos responder a essa indagação apoiando-nos nas palavras do próprio Euclides da Cunha: “ou progredimos ou desaparecemos”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AROEIRA, M.; SOARES, M.; MENDES, R.; **Didática de Pér-escola**. Vida e criança. Brincar e Aprender. São Paulo; FTD, 1996

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, Ministério da Cultura. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000019.pdf>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2009. TROCAR A REFERÊNCIA

CUNHA, Euclides da. **Contrastes e Confrontos**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1975.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões (A Campanha de Canudos)**. 28ª Edição. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, S.A., 1979..

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2009.

ROSSO, Mauro. **Escritos de Euclides da Cunha: política, economia e etnopolítica (organização, introdução e notas)**. Rio de Janeiro, Editora PUC – Rio, 2009.

SOUZA, Ronaldo de Melo. **A Geopoética de Euclides de Cunha**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2009.